

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ – CEST**

MARINÊIS CÂNDIDO DE OLIVEIRA

**CONTO ZECA-DAMA: UMA REFLEXÃO ACERCA DA IMPORTÂNCIA DO
CONTO REGIONAL PARA A VALORIZAÇÃO DA CULTURA AMAZÔNICA**

TEFÉ/AM

2019

CONTO ZECA-DAMA: UMA REFLEXÃO ACERCA DA IMPORTÂNCIA DO CONTO REGIONAL PARA A VALORIZAÇÃO DA CULTURA AMAZÔNICA

Marinêis Cândido de Oliveira¹

Núbia Litaiff Moriz Schwamborn²

Resumo

O presente artigo intitulado Conto Zeca-Dama: Uma reflexão sobre a importância do conto regional para a valorização da cultura amazônica, inserido na linha de pesquisa "Representações culturais nas obras literárias pan-amazônicas", tem como objetivo geral, promover uma reflexão sobre a importância das narrativas regionais para a valorização da cultura amazônica. Sobre os contos regionais, transmitidos inicialmente pela oralidade, convém enfatizar que constituem elemento cultural importante para a socialização dos saberes populares. Para tanto, utilizou-se do conto regional "Zeca-Dama", de autoria de Erasmo Linhares, como motivação para o desenvolvimento da presente pesquisa. Sendo assim, metodologicamente, para o estudo do conto recorreu-se aos teóricos como: Gotlib (1988), Bernardo (2003), Bonafim (2011), entre outros, que fundamentam o estudo teórico relacionado ao tema do artigo. Após estudo teórico feito pela pesquisadora, o conto foi levado como atividade prática de leitura e compreensão no ensino formal, na aula de Estágio Supervisionado III, precisamente com os alunos do primeiro ano do ensino médio. Com base no interesse e socialização do conto "Zeca-Dama" pelos alunos, constatou-se que o conto regional é ferramenta para motivar a leitura dos contos escritos por autores amazonenses e, conseqüentemente, para valorizar a cultura regional local. Contudo, considerou-se também como resultado satisfatório a interação entre a pesquisadora e sua própria mãe, acerca da socialização das narrativas regionais populares.

Palavras-chave: Conto regional. Valorização da cultura. "Zeca-Dama".

Abstract

This article titled Story of Zeca-Dama: a reflection on the importance of the regional tale for the valorization of the Amazonian culture, inserted in the research line "Cultural representations in pan-Amazonian literary works", has as general objective, to promote a reflection on the importance of the regional narratives for the valorization of the Amazon culture. Regarding the regional tales, transmitted initially by the orality, it is necessary to emphasize that they are important cultural element for the socialization of the popular knowledge. For that, the regional story "Zeca-Dama", by Erasmo Linhares, was used as motivation for the development of the present research. Thus, methodologically, for the study of the tale was used to the theoreticians like Gotlib (1988), Bernardo (2003), Bonafim (2011), among others, that base the theoretical study related to the theme of the article. After the theoretical study done by the researcher, the story was taken as a practical activity of reading and comprehension in formal teaching, in the Supervised Stage III class, precisely with the students of the first year of high school. Based on the interest and socialization of the story "Zeca-Dama" by the students, it was verified that the regional tale is a tool to motivate the reading of stories written by Amazonian authors and, consequently, to value the local regional culture. However, the interaction between the researcher and her own mother about the socialization of popular regional narratives was also considered as a satisfactory result.

Keywords: Regional story. Valuation of culture. "Zeca-Dama".

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras, do CEST/UEA; E-mail: marycandido33@yahoo.com

² Docente orientadora do TCC do curso de Letras do CEST/UEA; Professora de Literatura Pan-Amazônica do CEST/UEA; E-mail: nmoriz@uea.edu.br

INTRODUÇÃO

O presente artigo acadêmico, relacionado à área de Literatura Pan-Amazônica, está inserido na linha de pesquisa “Representações culturais nas obras literárias pan-amazônicas” e versa sobre o uso dos contos regionais, em especial, “Zeca-Dama”, do escritor Erasmo Linhares, como um texto motivador para levantar reflexões acerca da valorização da cultura regional.

Ao considerarmos que o conto é uma narrativa breve, com desfecho simples, permeado pelo imaginário popular, bastante utilizado na oralidade e na cultura regional, o presente trabalho intitulado “Conto Zeca-Dama: uma reflexão sobre a importância dos contos regionais para a valorização da cultura amazônica” apresenta como objetivo primordial, promover uma reflexão sobre a importância das narrativas regionais para a valorização da cultura amazônica.

Sobre a importância das narrativas regionais, as histórias tradicionais são passadas de geração em geração e, de forma espontânea, são contadas, recontadas e recriadas. Desse modo, servem para contextualizar com as vivências de pessoas simples, que através da memória, associam aos contos literários registrados pelos intelectuais amazonenses, suas próprias experiências. Justifica-se assim, a pesquisa, pela necessidade de se preservar na memória, as raízes culturais regionais.

Como metodologia inicial, utilizou-se o estudo e análise do conto regional “Zeca-Dama”, de autoria do contista amazonense Erasmo Linhares, configurando uma pesquisa predominantemente bibliográfica e qualitativa. Para dialogar com conceituações sobre o tema em questão, recorreu-se aos pressupostos teóricos fundamentados em Gotlib (1988), Bernardo (2003), Bonafim (2011) e para a fundamentação teórica sobre cultura fundamentou-se em Miranda (2000), Turner (2000), entre outros autores.

1. QUADRO TEÓRICO

1.1 UMA BREVE CONCEITUAÇÃO SOBRE CULTURA

Há variantes formas de definir o que é cultura. Quando expressamos diferentes artes como: pintura, escultura, música, teatro, cinema, literatura, entre tantas outras formas, essas expressões artísticas também são culturais, portanto, pensar em cultura é pensar também nos aspectos populares e regionais relacionados à oralidade e à linguagem de um povo.

Segundo Jonathan H. Turner (2000, p. 46), cultura é “um sistema de símbolos que uma população cria e usa para organizar-se, facilitar a interação e para regular o pensamento”. Embora os sistemas e os símbolos evidenciem formas de padrões, as culturas populares se mantêm para demonstrar suas verdades, características e valores fundamentados na identidade cultural. Dessa maneira, se compreende também as representações sociais, inseridas no universo do imaginário sociocultural de um povo. Portanto, uma nação, na perspectiva do processo formador de uma identidade, constitui, de acordo com Miranda (2000, p. 03): “uma comunidade simbólica em um sistema de representação cultural”. Sobre o tema em questão, o autor ainda ressalta que a cultura nacional, constitui,

um discurso, ou modo de construir sentidos que influenciam e organizam tanto as ações quanto as concepções que temos de nós mesmos. Não é ocioso lembrar que tais identidades, no caso do Brasil, estão embutidas em nossa língua e em nossos sistemas culturais, mas estão longe de uma homogeneidade – que já não perseguimos –; ao contrário, estão influenciadas (as identidades) pelas nossas diferenças étnicas, pelas desigualdades sociais e regionais, pelos desenvolvimentos históricos diferenciados, naquilo que denominamos ‘unidade na diversidade’. Como todas as nações, mas bem mais do que a maioria delas, somos híbridos culturais e vemos esse processo como um fator de potencialização de nossas faculdades criativas (MIRANDA, 2000, p. 03).

Como enfatiza o teórico, o Brasil é caracterizado como uma nação cultural híbrida, ou seja, no Brasil, há uma diversidade de pessoas com hábitos e estilos diferentes e manifestações culturais diversas.

Especificamente no Amazonas, no norte do país, constatamos vários nichos culturais, várias representações culturais, representações folclóricas, uma culinária peculiar e maneira de se vestir diferenciada em relação, por exemplo, à população do sul. Há vários fatores que implicam nessa diversidade, porém o aspecto cultural é primordial.

Em sentido mais restrito, entende-se por cultura, de acordo com Saraiva (1993, p. 11), “todo conjunto de atividades lúdicas ou utilitárias, intelectuais e afetivas que caracterizam especificamente um determinado povo”. A palavra é oriunda do latim. Proveniente do latim *culturae* (*colere*), significa “ação de tratar”, “cultivar” e “cultivar conhecimentos”. Portanto, o conhecimento necessário para sua produção e uso é parte do nosso legado social e cultural.

De acordo com Gordon Childe (1975, p. 40-41), cultura “resulta de uma tradição acumulada por muitas gerações e transmitida, não pelo sangue, mas através da linguagem (fala e escrita) [...] isso lhe permite desenvolver sua própria cultura”.

Ainda referindo-se ao conceito de cultura, Tylor (1832, p. 498), afirma que cultura é “todo aquele complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e capacidades adquiridos pelo homem como membro da sociedade”. Logo, as histórias populares, as narrativas orais e escritas são parte de uma cultura popular.

De acordo com Heloísa Prieto (1999, p. 41), “em plena virada de milênio, quando o professor se senta no meio de um círculo de alunos e narra uma história, na verdade, cumpre um desígnio ancestral”. Desse modo, contar histórias é uma forma característica de manifestação cultural, oriunda dos nossos antepassados. Nessa perspectiva, a linguagem e a literatura inserem-se também no conceito amplo de cultura.

Sabe-se que muitas pessoas gostam de contar histórias como atividade educativa e, muitas vezes, o ato de narrar constitui uma característica pessoal pelo fato do indivíduo gostar de contar histórias.

Muitas histórias no transcorrer do tempo, desapareceram, outras ainda permanecem vivas na memória e reminiscência do povo. Ainda hoje, o ato de contar histórias vêm acontecendo de geração em geração, embora com menos frequência.

Para Bernardo (2003, p. 06), “há séculos, os homens já contavam histórias e transformavam-nas de acordo com a sua realidade para explicar a origem das coisas do universo”. Desse modo, as narrativas serviam para explicar os fatos ocorridos e pela oralidade, se espalhavam por toda parte.

1.2 SOBRE A MODALIDADE NARRATIVA: CONTO POPULAR

O conto, como modalidade textual pertence ao gênero narrativo e como característica apresenta-se de forma breve, com poucas personagens e com linearidade. Conforme Magalhães Júnior (1972), contos são “narrativas lineares, não se aprofundando na psicologia dos personagens nem nas motivações de suas ações”. No conto, a psicologia e as motivações para os acontecimentos se explicam pela própria conduta e atitudes das personagens.

Por ter origem na tradição oral, o conto popular tem um enredo simples com temáticas folclóricas ou fantasiosas e após o ápice (clímax) apresenta um desfecho, geralmente voltado para o imaginário popular.

Em *Teoria do Conto*, a teórica Nádia Batella Gotlib, ressalta-se que na tentativa para contar a história da teoria do conto, “já se foram folhas e mais folhas e quase sem nenhuma conclusão, e que ela questiona o que é um conto? Qual sua situação enquanto narrativa?” (1988, p. 05). Na verdade, esses tipos de questionamento sugerem que a cronologia, em relação ao conto, é bem mais antiga do que pensamos, que esse tipo de narrativa era narrada quando as pessoas se reuniam, tanto para contar quanto para ouvir.

Desde os primórdios, lendas e mitos eram contados nas horas mais prazerosas, como na hora das refeições ou ao entardecer, ou à noite, normalmente sem nenhuma preocupação gramatical, visto que o essencial para nossos antepassados era saber se a história contada se fazia acreditar.

Desta maneira, entendemos que não há data certa registrada para o surgimento da origem do conto, contudo, de acordo com os registros históricos literários das mais antigas civilizações, sempre foi possível perceber o conto popular como uma manifestação cultural das mais remotas.

Quando ouvimos um conto narrado pelos nossos pais ou avós consentimos criar asas à imaginação e deixamos coexistir acontecimentos repletos de alegrias ou de suspense, muitas vezes, com o final que nem sempre são revelados claramente, deixando o ouvinte propício a criar sua própria conclusão, “esse tipo de conto, em que o desfecho, o final, não é revelado, nos motiva a imaginar, a usar a criatividade” (BONAFIM, 2011, p. 131). Em conformidade com o professor José Lino do Nascimento Marinho, autor de *Conto e Encanto* (2004) e de *Contar história, hábito e tradição: uma ferramenta pedagógica eficaz no processo ensino aprendizagem*

(2015), “o imaginário das pessoas é algo extraordinário” (MARINHO, 2004, p. 13), portanto, tornar o leitor ou ouvinte como coautor da história regional permite que o ouvinte elabore seu pensamento imaginário e reflita sobre a importância da cultura local, visto que as narrativas de cunho popular encontram-se “profundamente ligadas às origens histórico-culturais e circunstâncias sociais imediatas que envolvem as comunidades por onde circulam” (BONAFIM, 2011, p. 89). Desta forma, os contos variam de comunidade para comunidade, respeitando suas origens, suas crenças, costumes e a literatura regional. Acerca da finalidade dos contos, Marinho (2004, p. 13), afirma que os contos trazem “mensagens com um cunho educativo, em que os personagens procuram sempre deixar algum ensinamento”.

Quanto aos narradores e contadores de histórias, Brandão (1985) destaca em *Gênero do discurso na escola*, que há dois tipos de narradores de contos: o narrador secundário, *camponês trabalhador* da comunidade que vivencia histórias vividas do seu dia a dia, e o *marinheiro comerciante*, que tem muito a contar, devido às constantes viagens. No caso específico do conto popular, são os escritores, preocupados em conservar ou resgatar a cultura que registram em suas obras, as narrativas populares, que por sua vez, ouviram dos homens simples, dos ribeirinhos e de outros tipos amazônicos.

O conto, como narrativa, embora relacionado à tradição de contar histórias de forma oral, quando escrito, resulta em uma narrativa breve, concisa que pode ser lida em pouco tempo. Convém enfatizar que a brevidade do conto motiva e facilita a “contação” das histórias, de um modo geral.

Lima (2005), em seu livro *Conto popular e comunidade* explana muito bem essas curiosidades históricas dos antepassados de certas comunidades. Luís Câmara Cascudo (s/d. p. 05) observa ser o conto popular, “dentre os materiais folclóricos, o mais expressivo e amplo”, e, segundo o teórico, constitui-se de “um índice revelador de informação histórica, etnográfica, sociológica, jurídica e social, além de guardar estreitas relações com a psicologia” (CASCUDO, s/d, p. 06).

Sendo assim, o conto é uma ferramenta eficaz para promover interesse pela leitura, pela cultura oral e pelo registro escrito da memória de nossos antepassados.

1. 3 A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS REGIONAIS PARA A VALORIZAÇÃO DA CULTURA AMAZÔNICA

Ouvir histórias narradas por minha genitora, sempre fez parte de minha vivência, principalmente no período de infância. Ouvindo os “casos” que minha mãe contava, “viajava” na história imaginando como seriam as personagens, o cenário e o que mais me intrigava era se as narrativas contadas eram realmente verídicas. Lembro-me de que minha mãe contava de forma bem simples, mais com bastante expressividade, muitas vezes, histórias vividas por ela própria.

Ao me debruçar com a disciplina Literatura Pan-Amazônica e apreciar as histórias da nossa região, rememorei minha infância e me interessei para conhecer e, conseqüentemente, valorizar cada conto que nossos antepassados contavam, histórias que tinham começo meio e fim, como se eles soubessem a forma linear ou linearidade, estudada na literatura.

Hoje, já adulta, ao narrar contos regionais lidos em sala de aula no transcorrer da disciplina Literatura Pan-Amazônica, ouvindo meus contos regionais, minha mãe afirmava que tinha passado por situações semelhantes, visto que seus pais conviveram em condições bem árduas, durante o tempo da exploração da borracha.

Com os contos literários e comentários dos casos narrados por minha mãe, começo a refletir sobre a importância de preservar essa riqueza cultural, primeiramente centrada na oralidade e que revela a ideologia e valores culturais de meus antepassados. Lembro que uma das narrativas que ela contava era sobre seu avô paterno, que assim como Zeca-Dama, personagem do conto de autoria de Erasmo Linhares, veio para a Amazônia com o pensamento de ganhar dinheiro: “A maioria cearense como eu e como eu vieram na ilusão de enricar com a borracha — aquela enganação toda que andaram espalhando lá pelo Nordeste” (LINHARES, 2015, p. 16).

Ela continua enumerando outras semelhanças: entre elas a dificuldade de adaptação de seu avô no ofício de seringueiro. Tal como Zeca-Dama, foi difícil se acostumar “naquele mundão de mato vazio de gente e com a doideira daquele trabalho de escravo” (LINHARES, 2015, p. 17). Mas as festas do sábado, mesmo sem a presença das mulheres era algo esperado por seu avô, seus companheiros e pelo próprio Zeca, conforme se relata no fragmento textual a seguir: “o sábado, meu senhor, era o nosso dia. Quando a gente voltava do barracão do gerente, tratava logo de descarregar o rancho, tomar banho e num instante estava na canoa, vestido de limpo” (LINHARES, 2015, p. 17).

E assim, dialogando com minha mãe, vou me certificando que cada personagem das histórias narradas por ela ou presente nos contos registrados por escritores amazonenses, podem ser reais ou ficcionais. Narrando os fenômenos da natureza, os aspectos religiosos, credences e costumes populares ou as vivências nos seringais da Amazônia, os contos vão criando vida. Portanto, nos contos populares estão as vivências de nossos antepassados, “as explicações do nascimento e da morte dos homens, do aparecimento e da serventia de todas as coisas [...]” (MARINHO, 2015, p. 14). Desse modo, como forma de refletir sobre os sonhos e as vivências dos seringueiros e mostrar que há uma relação entre literatura e valorização da cultura amazônica, as partes a seguir, apresentam, uma breve análise temática e literária do conto “Zeca-Dama”, centrada, sobretudo, nos aspectos literários do conto, além da apresentação de breves dados biográficos sobre o contista amazonense, que integrou o Clube da Madrugada, Erasmo Linhares.

1.3.1 Breve dados sobre Erasmo Linhares³

Erasmo do Amaral Linhares oriundo da cidade Coari, nasceu no dia 02 de junho de 1934, estudou no Grupo Escolar Plácido Serrano, no Ginásio Amazonense Pedro II e na Universidade do Amazonas (UFAM), onde se formou em Comunicação Social. Posteriormente, se tornou professor e seus primeiros escritos foram publicados nos jornais estudantis, ainda na época do período ginasial. Radialista, foi diretor da Rádio Rio Mar por longos anos, escrevendo diariamente, crônica radiofônica apresentada com temas da atualidade, de natureza política, social ou econômica.

Em 1979, publicou o livro de contos *O Tocador de Charamela*, onde se encontra o conto regional e humorístico “Zeca-Dama”. As narrativas que compõem a coletânea *O Tocador de Charamela* são próprias de quem escreveu ouvindo histórias de seringueiros e de outros “operários da selva”. Os contos possuem uma narração direta e linguagem objetiva, provavelmente herdada da prática profissional no rádio.

³ Dados biográficos de Erasmo Linhares transcritos de <<http://www.bv.am.gov.br>>. Acesso em 10 de março de 2019.

Erasmu Linhares integrou o Conselho Consultivo de Cultura, criado no governo Amazonino Mendes. De acordo com o escritor Tenório Telles (2005), a obra de Linhares “é um testemunho vivido dos dramas, das angústias e esperanças do ser humano”. Conforme o escritor, a temática “recorrente de seus contos é a vida, o homem em face do seu destino, a precariedade do cotidiano, sua insignificância, a solidão, o sentido da liberdade, o mundo e seus mistérios (TELLES, 2005, p. 13).

1.3.2 Breve análise literária do conto regional “Zeca-Dama”

A narrativa regional intitulada “Zeca-Dama” é de autoria do contista amazonense, natural de Coari, estado do Amazonas. O conto em estudo versa sobre a personagem homônima Zeca-Dama e sobre os sonhos, anseios e valores socioculturais estabelecidos na relação homem, sobretudo o seringueiro, e o cenário típico dos seringais amazônicos no período gomífero.

A temática do conto em estudo refere-se a um homem nordestino que veio para a Amazônia, deixando sua família na sua cidade natal, em busca de ganhar dinheiro e refazer sua vida.

De acordo com a professora de Literatura Pan-Amazônica do CEST/UEA, Núbia Litaiff Moriz, em *Estudos Sobre Literatura Pan-Amazônica* (2017), o conto “Zeca-Dama” é “narrado em primeira pessoa, na forma de um relato e o conto é constituído de um único parágrafo, a linguagem é simples, coloquial, mas bem elaborada”. É o próprio Zeca-Dama quem inicia a narrativa: “Não, senhor, desarme essa cara de malícia. Não é nada do que o senhor está pensando. Sou macho e muito macho” (LINHARES, 2015, p. 15).

Acerca da linguagem, constata-se claramente no conto em estudo o uso de termos regionais, utilizados no cotidiano do amazônida, tais como: *brenhas*, *querença*, *mixes*, *magote*, *empestado*, *ipadu*, *brabos*, *emperiquitado*, entre outros. O conto apresenta linguagem coloquial: “o filho duma égua na horinha” e expressões populares: “Deus me livre e guarde”, como se observam no trecho a seguir:

[...] Só não matei o filho duma égua na horinha, porque os outros não deixaram. Mas nunca mais dancei com aquele corno. Depois eu mesmo inventei de calçar sapatos tênis para dar mais leveza nos pés. Sim, lhe digo, havia outros homens que também dançavam como dama, mas nenhum como eu. Tanto que uma vez houve uma briga de dois cabras por causa de mim. Foi preciso eu arriar as calças e mostrar os possuídos e gritar que eu era homem e muito do meu macho e não ia permitir que dois safados

brigassem com ciúmes de mim, como se eu fosse mulher ou foboca, que Deus me livre e guarde... (LINHARES, 2015, p. 18).

Sobre a temática, ainda em conformidade com Moriz (2017), o conto tematiza as alegrias dos rudes homens, que chegaram na região amazônica “na ilusão de enriquecer com a borracha e que, devido a falta de mulheres nas festas de Mestre Felisberto, dançavam ente si, isto é, com os próprios homens”.

A narrativa do conto em questão, diferentemente de tantas outras, traz uma figura masculina “macho e muito macho” (LINHARES, 2015, p. 16): o seringueiro Zeca-Dama, que dá nome também ao conto. Para agradar o companheiro Dorca, amigo do ofício de seringueiro, acaba fazendo a figura de dama na festa do Mestre Felisberto. Mas ele próprio faz questão de mostrar que é macho, e com uma faca na mão, torna-se o próprio capeta.

No conto regional, o seringueiro Zeca relata que uma vez um sujeito quizilento chamado Procópio sugeriu que “a gente tinha de pintar os beijos com urucu e de vestir maria mijona. Pra dar mais sensação, como ele disse.: “Só não matei o filho duma égua na horinha, porque os outros não deixaram” (LINHARES, 2015, p. 18).

Portanto, sobre a diversão dos homens nos seringais, Zeca-Dama e seus companheiros amenizam a ausência de mulheres nas festas, dançando com outros seringueiros: “Mas, como eu já lhe falei, mulher que e bom não havia. Por isso dançava homem com homem...” (LINHARES, 2015, p. 17).

Segundo Moriz (2017), “a abordagem sobre a ausência das mulheres nos seringais no conto, é feita de uma forma bem humorada”, levando os leitores a se divertirem também com o relato do seringueiro Zeca. O narrador e personagem central do conto, já inicia a narrativa argumentando com os maliciosos e esclarecendo aos leitores que ser dama “não é coisa pra qualquer um” (LINHARES, 2015, p. 16).

Quanto à sua fama e renome, Zeca afirma que começou apenas com o objetivo de mostrar gratidão ao companheiro Dorca: “Experimentei a primeira vez só pra dá gosto ao Dorca, companheirão que me ensinou a cortar seringa, com paciência de santo” (LINHARES, 2015, p. 17). Aos poucos, seu molejo ganhou fama.

O narrador finaliza, lamentando o fato do reumatismo não mais lhe permitir hoje, mostrar sua arte e seu molejo na cintura, e reafirma que “nas festas, às vezes, tem mesmo mais mulher do que homem. Mas nenhuma dança como eu, naqueles tempos” (LINHARES, 2015, p. 18).

Podemos afirmar que o conto “Zeca-Dama” apresenta duas vertentes significativas, uma contextualiza com um ser cômico, devido à forma humorística da narrativa; a outra vertente nos leva à reflexão, devido às situações narradas por Zeca-Dama, com referência ao ofício de seringueiro.

2. QUADRO METODOLÓGICO

A pesquisa, fundamentalmente bibliográfica, insere-se na área temática de Literatura, especificamente relacionada aos aspectos culturais encontrados nos contos literários representativos da nossa região e caminhou através do método dedutivo.

Conforme Marconi e Lakatos (2013): “partindo das teorias e leis, na maioria das vezes prediz a ocorrência dos fenômenos particulares (conexão desentendestes)”, a fim de compreender alguns aspectos teóricos e as estruturas das histórias, ao contarmos um conto ou uma história estamos predominando uma teoria desenvolvida por pessoas tempos atrás (modalidades narrativas) contadas em forma de conto, e foi enquadrada numa perspectiva qualitativa, visto que é necessário saber quais os valores socioculturais desse tipo de tema, no caso, o uso de contos populares para a escola e/ou para a comunidade, com envolvimento e olhar subjetivo, porém dialogando com autores que já trabalharam o tema proposto.

Para o alcance do objetivo geral que consiste em promover uma reflexão sobre a importância das raízes culturais de um povo, no sentido da afirmação de sua identidade e pertinência a sua região, o presente trabalho fez uma abordagem fenomenológico-hermenêutica devido aos fenômenos a serem identificados e valorizados dentro das histórias.

De acordo com o filósofo Edmund Husserl (1976, p. 36), o mundo deve ser pensado a partir das percepções mentais de cada ser humano. Desse modo, um método científico é determinado por ser uma verdade provisória, algo que será considerado como verdadeiro até que um fato novo mostre o contrário, criando uma nova realidade.

Para Gadamer (1998, p.22), a hermenêutica é uma forma de compreender as ciências espirituais e a história, através de uma interpretação da tradição, também ela estuda diversos assuntos em diversas áreas e umas dela é a literatura, onde se situa o estudo do conto.

Para enriquecimento da pesquisa, o trabalho comportará a análise estrutural e a análise crítico-literária de um conto regional, de autoria do amazonense Erasmo Linhares, intitulado “Zeca-Dama”.

Na revisão da literatura foram usados teóricos como: Gotlib (1988), Bernardo (2003), Bonafim (2011), entre outros que fundamentam o estudo teórico relacionado ao tema do artigo.

Desse modo, a pesquisa bibliográfica pretende reunir informações que venham justificar a relevância do conto como ferramenta pedagógica para motivação de leitores, em especial, os jovens no âmbito escolar e contribuir para a rememoração das narrativas populares.

Convém informar que o conto “Zeca-Dama” foi utilizado pela pesquisadora, na aula de Literatura da disciplina Estágio Supervisionado III e, lamentavelmente os alunos não conheciam o conto, nem o autor da narrativa. Contudo, após a leitura dirigida da história narrada pelo seringueiro Zeca, os alunos demonstraram interesse pela literatura regional e de forma bastante participativa, fizeram as atividades de leitura e compreensão do texto. Durante a socialização das atividades, os alunos expressaram suas opiniões, revelando conhecimentos associados ao conto trabalhado e solicitaram que a pesquisadora trouxesse novos textos regionais. Caracteriza-se, assim a real necessidade do uso das narrativas como forma de resgate da oralidade e da cultura popular amazônica, no ensino formal e nos ambientes familiares..

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES

No transcorrer das aulas de Literatura Pan-Amazônica, onde foram trabalhadas diversas obras representativas de autores amazônicos, surgiu o interesse em realizar atividades reflexivas acerca dos textos que revelam aspectos da cultura regional. A oportunidade surgiu com as aulas de Estágio Supervisionado, na aplicação prática com alunos do primeiro ano do ensino médio, de uma escola estadual do município de Tefé. Assim, vivenciei a experiência de levar para o alunado, textos e narrativas com temáticas sobre os costumes, credences e a vivência das pessoas, inseridas no cotidiano da cultura regional.

Após a socialização das histórias que permeiam o imaginário popular e perceber o interesse dos alunos por esse tipo de narrativa, o trabalho sobre contos

e histórias regionais despertou o interesse para um estudo mais detalhado e sistematizado sobre o conto “Zeca-Dama”, escrito pelo coariense Erasmo Linhares.

Com o desenvolvimento da pesquisa bibliográfica que se utilizou, primordialmente, do conto referido que se encontra na coletânea *O Tocador de Charamela*, constatou-se a necessidade de que os professores, sobretudo de Língua Portuguesa/Literatura, precisam trabalhar, através de sequências didáticas, rodas de leitura e até “contação” de histórias, textos literários que tematizam o universo cultural para promover o resgate e valorização da cultura associada à literatura amazonense.

Apesar de ser um conto com temática regional e escrito por um amazonense, os alunos do primeiro ano do ensino médio de uma instituição escolar da rede estadual, não conheciam o conto “Zeca-Dama”. Contudo, se interessaram bastante pela leitura e socialização das experiências narradas pelo protagonista do conto. Nesta concepção, o estudo desenvolvido não pretende finalizar aqui a discussão, ao considerar, sobretudo, a importância da narrativa em sala de aula, como texto motivador para levantar uma série de questões reflexivas e promover a valorização da cultura.

Logo, urge que os educadores em geral, se preocupem em discutir por quais fatores, os contos regionais estão perdendo espaço no mundo atual. Sabe-se que os jovens utilizam a tecnologia com facilidade, que a internet está presente na vida dos alunos, sendo assim, seria essencial usar meios atrativos para despertar o reconhecimento e valorização de suas identidades culturais.

Por fim, considerando que o conto regional está relacionado às temáticas inerentes à cultura e à ideologia, às crenças e ao folclore local, através da aplicação de atividades sobre o conto “Zeca-Dama”, no ensino formal, constatou-se que os alunos necessitam de um ensino-aprendizagem voltado para a realidade cotidiana e que permita a valorização de nossas raízes culturais, visto que o conto é propício para promover o resgate dos valores e a identidade cultural do povo amazônico. Sugere-se, por conseguinte, que novas práticas metodológicas insiram, de forma significativa, as narrativas regionais no convívio escolar dos estudantes, tendo em vista o interesse despertado com a leitura do conto regional “Zeca-Dama”.

REFERÊNCIAS

BERNARDO, Jaqueline Cordeiro. **Entre causos e contos**. In: Anais do 5º Encontro do Celsul: Curitiba/PR, 2003.

BONAFIM, Alexandre; BORGES, Maria Aparecida Mendes. **Produção de leitura e de texto**. São Paulo (SP): Biblioteca 24 horas, 2011.

BRANDÃO, Helena Nagamine. **Gênero do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

CAMARA, Cascudo. Luiz (s/d). In: BONAFIM, Alexandre; BORGES, Maria Aparecida Mendes. **Produção de leitura e de texto**. São Paulo (SP): Biblioteca 24 horas, 2011.

CHILDE, V, Gordon. **Evolução Cultural do Homem**. Zahar Editores. Rio de Janeiro. 1975.

GADAMER Hans-Georg. **Verdade e Método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. [Trad. Flávio Paulo Meurer]. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

GOTLIB, Nádya Batella. **Teoria do Conto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1988.

HUSSERL, Edmund. **Investigaciones lógicas**. Madri: Rev. De Occidente, 1976.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina. **Metodologia do Trabalho Científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalho científicos**. 7. ed. 8. reimpr. São Paulo: 2013.

LIMA, Francisco Assis de Souza. **Conto popular e comunidade narrativa**. Furnart/Instituto Nacional do Folclore, 1985.

LINHARES, Erasmo. **O Tocador de Charamela**. 2015. In: Antologia uma literatura coariense. GOES, Archipo Wilson Cavalcante; ALVES, Daniel Almeida. Coari/AM. 2015. Disponível também em <coari.com>

MAGALHÃES Júnior, R. **A Arte do Conto: sua história, seus gêneros, sua técnica, seus mestres**. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1972.

MARINHO, José Lino do Nascimento. **Conto e Encanto**. 2005.

_____. **Contar História, Hábito e Tradição - Uma ferramenta pedagógica eficaz no processo ensino aprendizagem**. Manaus/AM: EDUA - Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2015.

MIRANDA, Liliane de Jesus Nascimento; SCHIER, Dirlei Afonso. **A influência do ensino de História na educação Infantil e formação do aluno**. UNISEPE. Educação em Foco. Edição n. 08, 2016.

MORIZ, Núbia Litaiff. Análise Literária do conto “Zeca-Dama”, de autoria de Erasmo Linhares. In: **Estudos Sobre Literatura Pan-Amazônica**. CEST/UEA, Tefé/AM. Ano 2017. Disponível também em: <<http://guiacoari.com>> – Acesso em: 29 de abril de 2019

PRIETO, Heloísa. **Quer ouvir uma história**: Lendas e mitos no mundo da criança, 1999. Disponível em: <<https://www.sidnificados.com.br>> - Acesso em 12 de abril de 2019.

SARAIVA, António José. **Cultura**. Lisboa: Difusão Cultural, 1993.

TELLES, Tenório. In: LINHARES, Erasmo. **O Tocador de Charamela**. [Org. de Tenório Telles] 3. ed. Manaus: Valer/Governo do Estado do Amazonas/Edua/Uninorte, 2005.

TUNER, Jonathan H. **Sociologia Conceitos e Aplicações**. São Paulo: Markon, 2000.

TYLOR, Edward Burnett (1832). «*Internet Archive*». *Encyclopaedia Britannica*. XXVII XI ed. New York: Encyclopaedia Britannica, p. 498.

ANEXOS

ANEXO A - CONTO: “ZECA-DAMA” DA OBRA O *TOCADOR DE CHARAMELA*, DE ERASMO LINHARES.

. Não, senhor, desarme essa cara de malícia. Não é nada do que o senhor está pensando. Sou macho e muito macho. Até hoje o cabra que duvidou disso, levou o troco certo na hora. Mas lhe digo que já fui dama afamada. Melhor do que muita mulher de hoje. Quando cheguei nas brenhas do Ipixuna, mulher que é bom não havia. Tudo era homem. Só homem. A maioria cearense como eu, e como eu vieram na ilusão de enricar com a borracha - aquela enganação toda que andaram espalhando lá pelo Nordeste. Vinham como boi, amontoados no porão e no convés dos navios, largando pra trás a terra, lavoura, casa, mulher e filhos. Comigo foi um pouco diferente. Não escondo que tinha lá meus desejos de encher os bolsos de muitos contos de réis e um dia voltar pro meu sertão e fartar de comida a mulher e a filharada. Desculpe se estes olhos depois de velhos deram pra chorar, mas aqui no fundo do peito ainda dói uma querença. Eu conto continuado. De veras eu vim mesmo foi fugido. Lá no sertão onde eu morava, por causa de umas terrinhas mixes, destripei um cabra safado na ponta da peixeira e quando a polícia deu vau, embarquei no Baependi junto com um magote de outros homens, a maior parte, como eu, com alguma morte nas costas. Um horror, meu Senhor, uma coisa muito triste de ser lembrada. Em Manaus jogaram a gente numa tal de Hospedaria de Flores. Todo mundo espremido nuns quartinhos. Tinha dez onde só podia caber cinco. De tanta gente, nunca faltava uma fila enorme às portas das privadas, principalmente porque a gente desacostumada do pirarucu e da farinha-d'água que comia todo santo dia, andava quase sempre com desmancho. Um desespero, pode crer. Tinha gente que não aguentava na espera e fazia a coisa ali pelas redondezas, atrás das cercas, nuns matinhos que cresciam ao redor, e, por isso, o ar vivia empestado. Depois de uns dois meses separaram a gente em lotes e mandaram uns pra cá, outros pr'ali. A mim me mandaram pro Ipixuna, nas brenhas onde não morava quase ninguém. Não reclamei nem pechinchei. Quanto mais longe melhor. De perto, um perto muito longe, só Eirunepé de um lado e Cruzeiro do outro. Cheguei num dia e no outro me mandaram pro centro, com o Dorca – um cabra nascido por aqui mesmo, meio gente, meio índio, mas um camaradão. Duro, meu

senhor, duro foi acostumar naquele mundão de mato vazio de gente e com a doideira daquele trabalho de escravo. Acordar antes do sol e sair pelo mato raspando casca de seringueira, pendurando tigelinha, comer só por comer, enganando estômago com ipadu, e depois voltar pelo mesmo caminho, recolhendo o leite, correr para a barraca e começar a defumação. Os seringueiros antigos se riam da gente, da nossa falta de jeito. Conto sem ter vergonha – muitas vezes chorei escondido do Dorca, e amaldiçoei o dia em que deixei a minha terra. Mas tudo no começo é assim mesmo. Não há nada de tão ruim que a gente não se acostume. E eu e os outros – os brabos, como a gente era chamado –, e acabamos nos acostumando. A vida no seringal não é sopa, mas também tem os seus momentos. Tinha o sábado. O sábado, meu senhor, era o nosso dia. Quando a gente voltava do barracão do gerente, tratava logo de descarregar o rancho, tomar banho e num instante estava na canoa, vestido de limpo, chapéu, todo emperquitado, e toca a remar para a casa do Mestre Felisberto. Era a festa, a festa que a gente esperava toda a semana, num desassossego. Tinha a música, sim: a rabeca de Mestre Felisberto, o banjo do Curica e mais o Zé Preto batendo o compasso com duas colheres enganchadas nos dedos. Mas, como eu já lhe falei, mulher que é bom não havia. Por isso dançava homem com homem e foi aí que eu ganhei fama. Experimentei a primeira vez só para dar gosto ao Dorca, companheiro que me ensinou a cortar seringa, com paciência de santo. E quando começamos a dançar, os outros foram parando abestados, olhando nós dois saracoteando pela sala. Desde aquela noite fiz nome e renome. Não me lembro mais quem inventou a moda, mas os homens que dançavam como dama amarravam um pano na cabeça, para diferenciar dos outros. Um dia, um sujeito quizilento chamado Procópio, entendeu que a gente tinha de pintar os beiços com urucu e de vestir maria mijona. Pra dar mais sensação, como ele disse. Só não matei o filho duma égua na horinha, porque os outros não deixaram. Mas nunca mais dancei com aquele corno. Depois eu mesmo inventei de calçar sapatos tênis para dar mais leveza nos pés. Sim, lhe digo, havia outros homens que também dançavam como dama, mas nenhum como eu. Tanto que uma vez houve uma briga de dois cabras por causa de mim. Foi preciso eu arriar as calças e mostrar os possuídos e gritar que eu era homem e muito do seu macho e não ia permitir que dois safados brigassem com ciúmes de mim, como se eu fosse mulher ou foboca, que Deus me livre e guarde... Mesmo assim eu não chegava para quem queria.

Tinha noite de gastar quase toda a sola do meu tênis de tanto arrastar os pés no chão de terra. Uma coisa de doido. Só parava pra tomar uns goles de cachaça e assim mesmo aqueles cabras ficavam todos me cercando e de olho vivo pra me pegarem primeiro. Não, não ria, homem fazer vez de dama não é coisa pra qualquer um. Desculpe que eu lhe diga, mas é preciso muita arte. Tem que ter o corpo leve e os pés ligeiro, molejo na cintura, balanço de perna e sentido calculado. Tem de ser uma pluma e adivinhar de véspera o movimento do cavalheiro. Ainda hoje, por todas estas bandas, ainda me conhecem com Zeca-Dama. Já lhe pedi, não faça cara de malícia. Agora eu sou um velho, mas ainda sei tirar desforra. Ninguém nunca duvidou da minha macheza, porque todo mundo sabe que eu, com uma faca na mão, sou o próprio capeta. Hoje mora muita gente por essas beiras e tem muita mulher. Nas festas, às vezes, tem mesmo mais mulher do que homem. Mas nenhuma dança como eu, naqueles tempos. Se não fosse o diabo do reumatismo que me amolenga as pernas e me endureceu as cadeiras, eu era capaz de lhe mostrar. Dou-lhe minha palavra. Pergunte ao Dorca, ele mora ali no primeiro sítio à esquerda, descendo o rio. O Dorca não me deixa mentir. Boa noite, passe bem.

(Fonte: LINHARES, Erasmo. **O Tocador de charamela**. [Org. de Tenório Telles]. 3. ed. Manaus: Valer/Governo do Estado do Amazonas/Edua/Uninorte, 2005).

ANEXO B- LOCALIZAÇÃO DOS TOPÔNIMOS (CIDADES), CITADAS NO CONTO “ZECA-DAMA”.

Mapa da localização dos topônimos amazônicos, citados no conto “Zeca-Dama”.



Fonte: <<http://mapasapp.com>>. Acesso em 16 de maio de 2019.